

## CRÔNICAS CARNAVALESCAS: ENTRE CONFIANÇA E MODERNIZAÇÃO EM JORNAL

Maria Aparecida de Almeida Rego (IFRN)

**RESUMO:** O presente artigo expõe uma análise de duas crônicas publicadas no jornal *A República* nos anos de 1929 e 1930. A primeira, “Carnaval! Carnaval!”, datada de 10 de fevereiro de 1929, é assinada por Luís da Câmara Cascudo e a segunda, “Confidências”, de 09 de março de 1930, é assinada por Epaminondas (pseudônimo de José Pinto). Ambas discorrem sobre o **carnaval** e apresentam as temáticas do saudosismo, da modernização, do passado e do presente inseridas no espaço urbano da cidade do Natal. As duas crônicas apresentam uma relação entre passado (final do século XIX) e presente (anos 30) da cidade Natal, a tensão entre o provinciano e o moderno. A partir de estudos comparativos de textos publicados em jornais podemos refletir sobre aspectos culturais e sociais que representam mudanças de uma época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; Câmara Cascudo; Carnaval; Modernização.

**ABSTRACT:** This article exposes an analyse of two chronic published in the newspaper *The Republic* in the years 1929 and 1930. The first, "Carnival! Carnival ", dated February 10, 1929, is signed by Luís da Câmara Cascudo and the second, "confidences", of March 9, 1930, is signed by Epaminondas (José Pinto's pseudonym). Both cronicles discusses on Carnival and presents the thematics of nostalgia, modernization, past and present inserted in the urban space of the city of Natal. The two chronicles presents a relation between past (late nineteenth century) and present (1930's) of Natal, the tension between the provincial and the modern. From comparative studies of texts published in newspapers we can reflect on cultural and social aspects that represent changes of an era.

**KEYWORDS:** Chronicle; Câmara Cascudo; Carnival; Modernization.

### 1. Introdução

O jornalismo e a literatura são duas atividades intelectuais que estão juntas em muitas situações para melhor configurar a sociedade, além de fatos, o pensamento artístico e cultural de determinada época. No Brasil, desde o surgimento da imprensa, nas primeiras décadas do século XIX, muitos escritores renomados tornaram públicas suas primeiras palavras escritas nas páginas dos jornais (algumas, mesmo amareladas, são conservadas até hoje sob a guarda dos arquivos públicos ou de biblioteca

**REGO, M. A. A. Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

particulares). Citamos como exemplos do período oitocentista José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908). O primeiro estreou em 1854 no *Correio Mercantil* (RJ, 1848-1868) e seus principais romances, antes de chegarem ao suporte livro, ganharam leitores através das páginas dos folhetins. O segundo apresentou no mesmo um soneto ao *Periódico dos Pobres* (RJ, 1850-1856), versos inaugurais de sua participação na imprensa, espaço em que também assumiu funções burocráticas.

Com o passar das décadas, a quantidade de periódicos se multiplicava e se espalhava por todo o país representando tanto ideias conservadoras quanto libertárias. No Rio Grande do Norte, não foi diferente e, segundo Cascudo (2010, p. 394), em 1832 surge o primeiro jornal *O Natalense* (1832;1837-38), ainda impresso fora do estado por falta de tipografia na província. O jornal *O Recreio*, que circulou em poucos números no ano de 1861, segundo Gurgel (2001), foi o primeiro a registrar a produção literária do estado com versos de Lourival Açucena. Além desses, outras gazetas se destacaram na divulgação da literatura norte-rio-grandense, dedicando espaço para manifestações literárias (poesia, romance de folhetim, crônicas, contos, cartas, depoimentos, dentre outros gêneros) que, de certa forma, representam posicionamentos artísticos de seus autores inseridos no contexto histórico, cultural e social em que conviveram.

Na esfera acadêmica, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, algumas pesquisas<sup>1</sup> já analisaram a produção literária do estado publicada nos jornais *A República* (1889-1991) e *A Imprensa* (1914-1927) durante as primeiras décadas do século XX.

O presente trabalho expõe uma análise de duas crônicas publicadas no jornal *A República* nos anos de 1929 e 1930. A primeira, “Carnaval! Carnaval!”<sup>2</sup>, datada de 10 de fevereiro de 1929, é assinada por Luís da Câmara Cascudo e, a segunda,

<sup>1</sup> Araújo (1995) investiga o movimento modernista no Rio Grande do Norte e a recepção do *Livro de Poemas de Jorge Fernandes* (1927) como manifestação modernista. Monteiro (2003) é responsável pelo levantamento e análise da produção de crônicas no jornal *A República* da década de 1920. Costa (2000) apresenta estudos de revistas literárias no Rio Grande do Norte na década de 1920. Ferreira (2008) é autor do estudo sobre o diálogo das produções esparsas de Gilberto Freyre e de Câmara Cascudo nas primeiras décadas do século XX, no contexto do regionalismo e modernismo no Nordeste. Rego (2012) é responsável pelo levantamento da produção literária potiguar divulgada em alguns jornais da década de 1930.

<sup>2</sup> Esta crônica está inserida no livro *Crônicas de Origem* (2005) que apresenta uma reunião de 16 crônicas publicadas anteriormente nos jornais *A República* e *A Imprensa* durante os anos de 1920. Na 2ª edição do livro (2011) as crônicas passaram por uma atualização ortográfica, porém, para este estudo resolvemos manter a grafia original do texto, a fim de fazermos um paralelismo com a crônica “Confidências”, que foi transcrita diretamente do jornal.

REGO, M. A. A. Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...

“Confidências”, de 09 de março de 1930, é assinada por Epaminondas (pseudônimo de José Pinto). Ambas discorrem sobre o **carnaval** e apresentam as temáticas do saudosismo, da modernização, do passado e do presente inseridas no espaço urbano da cidade do Natal.

O jornal *A República*, fundado por Pedro Velho (1856-1907) foi um espaço acolhedor de variadas tendências literárias e culturais, das mais tradicionais e conservadoras até a divulgação de movimentos de vanguarda. As páginas de *A República* guardam nomes dos principais autores da política e da literatura do Rio Grande do Norte entre o final do século XIX até os anos 80 do século XX. Essa junção entre políticos e jovens intelectuais talvez tenha sido o fator propício à popularização do jornal e ao espaço que este dedicou à produção literária do estado. Na trajetória de *A República*, alguns fatos o tornaram um jornal ímpar de comunicação, a exemplo, a divulgação pioneira no Brasil, segundo Fernandes (2006), do *Manifesto do Futurismo* em 05 de junho de 1909, sendo assim veículo de novas ideias, artes e literatura em nível nacional. Nos anos 1920, nas páginas do jornal eram gravados nomes que representavam, nas seções literárias, a efervescência do movimento modernista, bem como a divulgação de poetas que se tornaram símbolos da literatura norte-rio-grandense, como Jorge Fernandes. Já na década de 1930, consolidaram-se os encaminhamentos literários e, mais uma vez, *A República* deu conta desses acontecimentos através dos diversos artigos publicados, a exemplo, sobre o evento “A Temporada Literária de 1930” – palestras e conferências organizadas por um grupo de intelectuais norte-rio-grandense durante os meses de junho a setembro de 1930.

## 2. A crônica na vida cultural local

Derivado do Latim *chrônica*, o vocábulo crônica significava o relato de acontecimentos cotidianos em uma ordem pré-determinada. No princípio, era um texto escrito para ser publicado em jornal ou revista, conseqüentemente, detinha vida curta. Por isso, na maioria dos casos, este gênero é formado por textos curtos e narrados em primeira pessoa. Esses aspectos fazem com que a crônica mantenha uma visão pessoal de um referente assunto absorvido pelo olhar do cronista.

REGO, M. A. A. **Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

Segundo o crítico Antonio Candido, a crônica oferece a condição de comentário leve, apresentando-a como “[...] composição aparentemente solta do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de cada dia” (CANDIDO, 1992, p. 13).

Jorge de Sá explica que a crônica equivale a um “registro circunstancial feito por um **narrador-repórter** que relata um fato [...] a muitos leitores que formam um público determinado” (SÁ, 2002, p. 7). Apontando o cotidiano como assunto único do gênero, a crônica sobrevive entre o jornalismo e a literatura, o que permite um expressivo desenvolvimento textual.

A crônica sempre foi um gênero de espaço privilegiado entre as páginas envelhecidas dos periódicos potiguares. Muitos escritores escolheram esse gênero para discorrer em sua pena. A partir da leitura de algumas crônicas visualizamos a história do Estado, de Natal, dos hábitos e da rotina dos norte-rio-grandenses ao longo de seus mais de 400 anos de existência.

O escritor Luís da Câmara Cascudo publicou entre os anos de 1938 e 1960, no jornal *A República* e continuada no *Diário de Natal*, a seção *Acta Diurna*, inúmeras crônicas fornecendo aos leitores informações sobre história, antropologia, política, personalidades, monumentos, dentre outros temas que foram absorvidos pelo olhar cronista. Muito das crônicas cascudianas foram, posteriormente, organizadas nos vários volumes do *Livro das Velhas Figuras*.

No mesmo jornal, Danilo (pseudônimo de Aderbal de França), publicou nas décadas de 1920 e 1930 crônicas na seção *Vida Social*, abordando assuntos bem variados: rotinas escolares, ensino, religiosidade, festas tradicionais da cidade, atividades culturais e artísticas do teatro Carlos Gomes, rotina da cidade, presença de elementos da modernidade (bonde, automóveis, lojas, vitrines, música, cinema etc.).

Edgar Barbosa, através do pseudônimo Cyrano, também fez parte do jornal *A República* e assinou a coluna *A Nota* durante alguns anos da década de 1930, espaço em que a crônica apresentava os acontecimentos vigentes da época, de texto leve e literário, com perspectivas para falar sobre arte, literatura, política, mundanismo, dentre outros. Surgiram outras seções no mesmo jornal e década, a exemplo de *Crônicas do dia* e *Confidências*, assinadas por pseudônimos, que discorriam de modo crítico sobre alguns elementos da modernidade (telégrafo, rádio, bonde, energia, motocicletas),

REGO, M. A. A. **Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

política, agricultura, festas tradicionais, hábitos e aspectos da vida cultural da cidade de Natal (literatura, cinema, teatro, música).

Ao passar dos anos e virada de século, a leveza e a brevidade presentes na crônica continuam com espaço garantido nos jornais norte-rio-grandenses, dando conta não só dos acontecimentos, mas permitindo um olhar sensível e crítico diante destes. A partir dessas exemplificações, percebe-se a importância da crônica como responsável para situar tempo e espaço na história de uma determinada sociedade.

### 3. Múltiplos olhares sobre o mesmo tempo

O carnaval corresponde a uma manifestação cultural universal que sofreu, ao longo dos séculos, transformações variadas de acordo com a coletividade em que se desenvolveu, inseridas em processos de modernizações nas mais variadas sociedades. As duas crônicas em estudo, situadas na virada de décadas (1929 e 1930), apesar de discorrerem sobre a mesma temática, o carnaval, apresentam a subjetividade de seus autores e revelam a presença dialética entre elementos da modernização e da tradição. Cascudo, na crônica “Carnaval, Carnaval”, apresenta de início uma retomada histórica do carnaval em diversas culturas: as festas gregas e egípcias, a permanência da festa pagã mesmo diante das oposições da igreja católica durante vários pontificados, as renovações ocasionadas pelo Renascimento, os salões de Versalhes e Paris. Em seguida, relata algumas manifestações carnavalescas no Brasil: “Nós não tivemos carnaval. Tivemos o Entrudo, o brutal, o doido, o inesquecível Entrudo” (p. 123)<sup>3</sup>, menciona situações do Entrudo (de origem portuguesa) no Rio de Janeiro, os adornos e o novo ritmo que esta festa trouxe à cidade. O cronista situa os acontecimentos em tempo histórico e mostra que o século XIX recebeu novidades, a exemplo: “uma filha do comendador Silva Pinto **gasta quarenta contos num vestido de fantasia**. Depois da Maioridade começaram **os bailes**.” (p. 126. Grifo nosso), mesmo com a permanência de alguns elementos como o banho cheiroso dos limões de água de Colônia. Por fim, o olhar carnavalesco do cronista chega ao Entrudo de Natal: “papangus, negros-melados-

---

<sup>3</sup> Todas as citações da crônica “Carnaval, Carnaval” serão seguidas apenas do número da página correspondente à entrada CASCUDO, 2005, nas referências bibliográficas.

REGO, M. A. A. **Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

morcegos” e ao seu desaparecimento com a chegada dos clubes, “Os bailes de club e passeios vagorosos de auto mataram o Entrudo patuscador” (p. 127).

Em Natal, o Natal Club é inaugurado em 1906 e o Aero Club em 1928, espaços de sociabilidade onde os bailes carnavalescos aconteciam. Notamos, então, que a crônica de Cascudo apresenta a organização que o carnaval ganhava com o passar do tempo. Sobre isso, Nóbrega (2012, p. 118) diz que “[...] o que Cascudo faz em seu texto é mostrar que a festa foi, pouco a pouco, deixando de ser tão descontrolada, perdendo o caráter popular, até chegar à festa burguesa do século XIX”.

Cascudo mostra-se conhecedor do legado do carnaval em culturas milenares até a modernidade. Entretanto, não revela apego ao carnaval do passado nem ao do presente, mostra o carnaval, o ritmo próprio dessa festa em cada momento que menciona. O ritmo de descrição adotado pelo cronista/pesquisador se aproxima ao compasso da festa descrita que com o passar do tempo tornou-se mais intensa e eufórica.

Para Arrais (2005, p. 11-12) “[...] essas crônicas testemunham o início da construção do intelectual que ‘tudo sabe’ sobre a cidade, e que vai habilitar-se, progressivamente, à tarefa de escrever a memória de Natal [anos depois] nas suas *Actas Diurnas*”. Neste sentido, os ornamentos do carnaval vão tomando espaço no texto da mesma forma que ocupavam as ruas de então. São criadas roupas apropriadas para os bailes, as novidades vão surgindo, o teatro aparece como elemento novo e as atividades carnavalescas de Natal, de certo modo, vão acompanhando o ritmo frenético das grandes cidades.

Já na crônica “Confidências” (que na verdade não é o título da crônica, mas da seção)<sup>4</sup>, o tom estilístico do autor torna público seus sentimentos sobre

---

<sup>4</sup> Em pesquisas realizadas no jornal *A República*, da década de 1930, identificamos a seção *Confidências*, assinada por Epaminondas, da qual registramos mais de uma dezena de arquivos. Segundo o artigo de 01 de julho de 1930, essa seção se iniciou em julho de 1929: “hoje faz justamente um ano que iniciei a minha colaboração neste jornal”, apresentando reflexões subjetivas a partir de relatos de fatos, mudanças de comportamento, de hábitos e de festividades. Pelo fato de as crônicas não apresentarem títulos próprios, somente na leitura é que se toma conhecimento da temática. A maioria apresenta marca de melancolia, o que justifica, talvez, o título da seção. As confidências apresentam um caráter nostálgico ao expor relatos sobre traços da cultura popular e ao mesmo tempo um receio de que tudo isso chegue aos seus derradeiros dias. Além das festividades carnavalescas, as confidências apresentam também lembranças sobre as festas juninas, o uso dos vestidos longos e curtos, a forma de namorar, enfim, cada texto apresenta uma análise, segundo a visão do autor, sobre esses eventos que faziam parte da rotina da cidade e das mudanças de hábitos.

**REGO, M. A. A. Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

acontecimentos da cidade e nos revela outro olhar sobre o carnaval de 1930. Identificamos descrições subjetivas do carnaval de Natal no passado e no presente (ano de 1930) com recortes factuais. Apesar de o texto versar sobre o carnaval, festa tipicamente de rua, o autor encontra-se distante dos estridentes instrumentos musicais, na “velha rede de tapoarana, autêntica do Caicó”. A rede, objeto associado ao descanso, é utilizada para realização de leituras como estratégia de refúgio. Neste sentido, encontramos um locutor apegado à tradição, conforme o trecho:

Esse tédio pela nossa festa verdadeiramente popular não é, porém, inato. Ele surgiu não tanto quanto comecei a sentir a irreparável injúria dos anos, mas sim com as mudanças mesmas do carnaval, na sua forma, essência e fundo... (*A República*, 09 de março de 1930, p. 01).

Entretanto, identificamos um momento em que o autor se trai ao reconhecer aspectos positivos da modernidade mostrando com era a cidade antes “[...] vestida com outra indumentária, mais feia e mais escura, menos povoada e cheia de buracos” (CASCUDO, 2010, p. 370-371). Isso, possivelmente, seja referência à ausência de iluminação elétrica e aos melhoramentos urbanos que surgem no início do século. Mas é a esse ambiente, de alguma maneira, atrasado, que o autor sente-se ligado “mais familiar e mais íntima, na sua moldura primitiva do castanheiro rústico”. Neste sentido, percebemos o quando a tradição e a modernidade estão em diálogo e em tensão no texto.

Ainda, em suas confidências, Epaminondas apresenta uma retomada de um acontecimento histórico de carnavais de outrora e como os natalenses aproveitavam esse momento para fazer críticas aos políticos:

[...] na falta de imprensa, recorria aos pasquins indisfarçados contra os atos dos poderosos e aproveitava-se principalmente da licença carnavalesca para dizer por baixo da máscara as verdades ou injúrias que de outra forma teria apenas permissão para sussurrar nos famosos cantões, felizmente desde há muito renegados (*A República*, 09 de março de 1930, p. 01).

O carnaval citado nas “Confidências” corresponde ao carnaval do século XIX, o entrudo, quando ainda a imprensa era pouco consolidada na cidade e os cantões

**Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 13, jan./jun. 2016**

**REGO, M. A. A. Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

eram frequentes. Os natalenses desse período eram contempladores do luar e das serenatas, hábitos do tempo dos poetas Itajubá e Lourival Açucena, com a “[...] laranjinha de cêra, depois a laranjinha de borracha, de côres varias e bem cheirosas, feitas em seringas de flandre, a clássica cuia d’água, o pó, a maisena, a imersão em tinas... e até o pó preto”. Para Epaminondas, já o carnaval dos anos 30 representava mudanças: “[...] faz-se hoje carnaval de smoking e cartola, com pijamas de sêda, dentro de um Packar, cheio de bisnagas, serpentinas e serpentes...”, mostrando a decadência da festa popular marcada pela influência cada vez maior das classes predominantes. Além de mostrar a diferença, o autor finaliza emitindo um posicionamento: “Todavia, os nossos avós foram mais velhacos, mais sabidos”.

Ainda em 1930, identificamos outra crônica publicada no mesmo jornal, retirada da coluna *A Nota*, assinada por Cyrano, que mostra a força que o carnaval tem em continuar existindo, mesmo com mudanças e permanências, ultrapassando século:

Dois mil e tantos anos de carnaval constante, desde que a humanidade descobriu em si mesma a fórmula melhor de existir sorrindo e de morrer cantando, o mundo tem vivido como um passarinho, a saltitar de filosofia em filosofia, de religião em religião, de ideia em ideia (CYRANO. *A República*, 02 de março de 1930).

Ou seja, mudam-se as indumentárias e os ornamentos, mas a festa continua. Desse modo, a partir da crítica impressionista que Epaminondas apresenta na crônica, identificamos uma resistência às mudanças do carnaval, preso ao passado e ao ambiente provinciano.

#### **4. Algumas considerações**

Através da linguagem, os homens externam sua visão de mundo, seja justificando, revelando, representando ou encobrendo suas relações reais com a sociedade. A partir das publicações literárias nos jornais, um escritor tinha conhecimento sobre a produção de seus contemporâneos. Essa escrita representava posicionamentos, visão de mundo e revelava as influências pelas quais os escritores

**REGO, M. A. A. Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

passavam. Ainda, servia também para influenciar o modo de pensar e agir da sociedade sobre determinados assuntos.

As duas crônicas apresentam uma relação entre passado (final do século XIX) e presente (anos 30) da cidade Natal, a tensão entre o provinciano e o moderno. Os elementos novos, que foram inclusos nas festividades carnavalescas, bem como as festas nos clubes, eram vistos como modernos representando ares de civilização. Essa relação será também marcada por outros escritores ao longo do decênio de 30, possivelmente, pelo fato de a década representar um período de intensas mudanças (reforma política, educacional e cultural) tanto no âmbito local quanto nacional.

A partir de estudos comparativos de textos publicados em jornais, podemos refletir sobre aspectos culturais e sociais que representam mudanças de uma época. Com a leitura das crônicas, percebemos que não foi apenas o carnaval que sofreu mudanças com o tempo, mas também o ritmo da cidade, o comportamento das pessoas, ou seja, a realidade local, que reflete também um panorama nacional de mudanças ocorridas nas primeiras décadas do século XX. Assim, temos um Cascudo vanguardista, mas que dialoga com a tradição, ao lado de Epaminondas, cronista saudosista que acompanha os efeitos da modernidade. Desse modo, podemos afirmar que as mudanças no ritmo do carnaval refletem os processos de urbanização, industrialização e modernização de uma época. Ainda, encontramos na visão dos dois escritores o reconhecimento da existência da modernidade e a valorização da tradição.

Esses escritores tiveram, no período em estudo, seus nomes sempre presentes nas páginas dos jornais, jornalismo literário que influenciou de maneira relevante no quadro geral dessa época, tendo sido vistos como modelos de intelectualidade. Nesse sentido, podemos questionar até que ponto as mudanças de uma festa popular, a exemplo do carnaval, refletem também mudanças estéticas do texto (crônica), aproximando-os aos literários.

## **Referências**

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN/Ed. Universitária, 1995.

**REGO, M. A. A. Crônicas carnavalescas: entre confiança e modernização...**

ARRAIS, Raimundo. “Estudo Introdutório”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: EDUFRN, 2005.

CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 4ª ed. Natal: EDUFRN, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Org. Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005.

COSTA, Maria Suely da. *O canto da Cigarra e outros cantos: revistas literárias do Rio Grande do Norte nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

FERNANDES, Anchieta. *História da Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte*. Natal: Depto. Estadual de Imprensa. 2006.

FERREIRA, José Luiz. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e regional*, tese (Doutorado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

MONTEIRO, M. C. S. D. *Crônicas Literárias: registros da modernização do Rio Grande do Norte na década de 20*. Dissertação (Mestrado em Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

NÓBREGA, T. S. Câmara Cascudo e o “Carnaval! Carnaval!” breve análise da crônica cascudiana e de perspectivas atuais do carnaval natalense. *Imburana* – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, v. 3, n. 5, p. 115-123, fev./jun. 2012.

REGO, Maria Aparecida de Almeida. Panorama cultural do Rio Grande do Norte: representações em Periódicos do decênio de 1930. *Imburana*: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, v. 3, n. 5, p. 72-105, fev./jun. 2012.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

## ANEXO I

**Carnaval! Carnaval!****Luís da Câmara Cascudo**

Carnavale, Carnovale, Carrus-Navalis, Carnaval! Heranças de Saturnaes e festas gregas da Boa-Deusa, Lupercaes e do Bacchanaes illustres, festas egypcias de Isis e do Boi Apis, apanha dos visgos entre os Celtas, festas das marcas nos hebreus, todas as loucuras, todas as liberdades, em todos os povos, em todas as épocas crearam o Carnaval.

Debalde o Papa se ergueu contra elle. Decretos de Innocencio III, conselhos de Julio II, ódios de Sixto V fulminaram a devassidão anual que o passado legara. Debalde contra a onda rumorosa de guizos e panderêtas reuni-se o Sacro Collegio de Cardeaes vestidos de púrpura, guantados de seda e mitrados de oiro. As cathedraes abriram os sacrários nos Laus-Perennes à luz triste das vellas. E riscavam o ar os anathemas tão roxos como as amethystas episcoaes. O povo alagava as ruas, faulhando de alegria pagã. Licença tácita para tudo. Em vão reis e principes, duques de Borgonha e condes de Tolosa ameaçavam de morte. Carnaval!

Os bailes carnavalescos! A fidalguia adheriu. Carlos VI, rei de França, morre assassinado num baile, dançando vestido de urso. Com Luiz XIV e Luiz XV o carnaval apothetisou-se. A Renascença trouxera a comedia e um mundo de figuras irreaes e eternas entrou para a alma humana. Polichinellos, Arlequins, Patalon, Fracasse. Pierrete leviana, Pierrot de cara enfarinhada de melancolia. Todo Paris vibrou nas músicas delicadas de Glucky, pavanas de Lulli, minuetos de Daquin. A majestade lenta das anquinhas povoou os salões de Versailles, a sala nobre dos espelhos incontáveis. Cantava na sombra, em alamedas de La Notre, o fio branco dos repouxos. Passou a farandola da Fragonard, de Lancret, de Watteau, de Boucher. Carnaval!

Nós não tivemos Carnaval. Tivemos o Entrudo, o brutal, o doido, o inesquecível Entrudo. Veio elle das chalaças portuguezas, pingando sensualidade que não era dos oarystos de Theocrito mas das Kermesses de Rubnes.

No Brasil colônia o Entrudo vivia, berrando, bradando, apoplético de força e de seiva sadia. Mascarados festejavam acontecimento de vulto. Casamento de reis, Victoria de armas, inauguração de melhoramentos. Prohibia-se a mascara. Castro de Moraes em 1710 permittia o uso em certas occasiões. O vice rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes ataca de frente o Entrudo. Manda fechar as tabernas em Bahia. Commina multas de duzentos mil reis. Os foliões transformam uma quinta-feira santa em domingo gordo. Levam grunindo, tairocando chinellas e arrastando çamarras vermelhas, pintados de lama, gritando versos, bêbados de vinho e de alegria até o inferno, às ordens do vice-rei.

Todo o Rio ficou domínio útil do Entrudo. Nestes dias de egrejas da Candelaria e do outeiro da Gloria estrugiam em sermões admoestadores. O povo levava as ruas sujas da cidade colonial numa água immensa de correntesa gritante. Com D. João VI o Entrudo coroou-se. A multidão batia as ruas grandes, os becos, as bestegas enviezadas, aos pinchos, urrando, badalando todos os tons da estrondosa pandorga. Não se usava disfarces. Chibata em quem tivesse mascara. O Entrudo creou a guerra dagua e da porcaria. Vivia a cidade, sem respeito ao gasnido do Intendente de Policia, saltando, dançando, cantando o passeante de farinha de trigo, de polvilho de pó de sapato, de vermelhão. Apareceram as laranjas de cera, os limões dagua perfumada à canela e benjoim, essência de cravo e Mangerona branca. Batalhas, arruaças, aquellas silhuetas dos desenhos de Debetredo Annuario de Planchet. Sapateando, em piruetas e saltos, regateiras sirigaitas, yayás e yoyôs, mucamas e negros cafuzos, moleques zarombos, fidalgos e peraltas, bilontras e pisa-flores, gente do Poço e fâmulos da Ucharia, soldados e marinheiros, mocetões de Portugal fadeando cheganças e fandangos desnalgados, gitanos de Espanha zarralhando violas em malaguenas e jotas de Aragão, homens inglezes em ginga doida,

**Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 13,**

**jan./jun. 2016**

em contorsões e caretas, em meneios de boleiro e bata-bata de samba preto, sonorizavam o ar. E um dilúvio serôdio banhava São Sebastião do Rio de Janeiro. Água de barril, de pote, de jarra, de moringa. Água em latas, em gamellas, em jarras de porcellana, em talhas de barro. Água esguinchando de seringas, em bicos de lata, de laranjas que rebentavam perfumando ou empestando tudo. Reviravoltas de rendas altonistas, molhadas, esfarinhadas emporcalhadas em segundos. Casacões austeros tornados brancos. Fitas arrancadas. Abraços intempestivos. Beijijos que estralejavam como pipocas ao lume.

Com o século XIX o Entrudo recuou. A côrte tomava parte.

Em 22 Dom Pedro I é preso mascarado, vadiando chuias ao sizudo José Bonifacio. E, em 23, uma filha do commendador Silva Pinto gasta quarenta contos num vestido de fantasia. Depois da Maioridade começaram os bailes. Em 54 saem os primeiros préstitos. Inda há pó-preto, polvilho, água de cuia, banho a muque. E nas praças as tarantellas, cateretês, cocos e samba. Nas salas dança-se o solo-inglez, a mazurka, as ultimas danças portuguezas do século XVIII cheirando a serinins de Queluz a nomoro de freiratico, a doce de cladas, a bailarico de São Carlos. Desde 22 D. Miguel estreira os bastidores dos theatros de Lisbôa pela mão felpuda do Marquez de Loulé. O Rio ameaçava, distante dos tempos bons do governador Onça.

Depois de 50 as sociedades carnavalescas multiplicaram-se. Bisnagas, seringas, limões de borracha. Em 56 os préstitos vencem. O Entrudo perdera terreno. O carnaval chegara. Agora, 62, o famoso club X assombrava o carioca fazendo vir da Asia cavallos para o seu carro-chefe.

É o tempo de brincar pouco e espiar a belleza das roupas vistosas, as sedarias e velludos, jóias extranhas e toucados imponentes.

O banho cheiroso dos limões de água de Colonia e alfazema continuava. D. Pedro II gostava. Maluco pelo entrudo. Em pequeno ensopava as irmães e os graves senhores conselheiros em São Cristovão. Velho, o Sr. D. Pedro II batia-se heroicamente à laranjinha e copo dagua com as moças de Petropolis.

O maior, o mais serio influidor do carnaval surgira annos antes. Nós devíamos a muleta ao portuguez, íamos dever-lhe o hymno absurdo, boçal, idiota e adorável do Zé-Pereira. José Nogueira Azevedo Paredes, numa segunda-feira de carnaval teve saudade dos zabumbas minhotas, o troar dos bombos que lá se chamam Zé-Pereiras. Beberam umas lambadas infindáveis. Suspenderam os bombons na linha da barriga. Sahiram zig-zig-zig-bum! Zig bum bum! E tava creando rythmo. Faltava musica. Crenineira, vulgar chocha.

Viva o Zé Pereira  
Que a ninguém faz mal.  
Viva Zé Pereira  
No dia do Carnaval!

Pegou. Ficou no ouvido colectivo. Todos nós sabemos e não podemos dizer onde e como aprendemos. Zig-zig-zig-bum! Zig-bumb-bum! O teatro entra no meio. O RIO aproxima-se do que é – Carnaval de allegorias politicas outrora e hoje banaes. Fogo de vista. Rodar de carro à Nice e lentidão de gandola à Veneza.

E nós aqui? Carnaval natalense! Entrudo de banho a pulso. Em S. José de Mipibú, collocavam uma taxa de engenho, cheia dagua, no meio da praça. Era so guardar o camarada e saccodi-lo dentro. Duma feita, deram um banho no reverendo vigário da freguesia.

Entrudo da Natal velha com papangus, negros-mellados-morcegos, az de copas. Maracatus. O lembrado Forfait, o mais antigo de todos. Depois os outros inexpressivos e communs. Vassorinhas, Catadores, Vasculhadores. O berrante Club do Silencio. Singular Club Nocturno. Os jandaias. Depois a creação do Natal Club veio dar a nota clubs passes, com ballezas e meninos de capoeira vai cedendo caminho.

O carnaval mestiço de Recife, o carnaval de curso de S. Paulo, o carnaval de onda no Rio ficaram morre morrendo, uma expressão de adaptacionismo que nada resta do seu passado.

O de Natal desaparece. Os bailes de club e passeios vagorosos de auto mataram o Entrudo patuscador e o Carnaval de antanho com os seus aliados inseparáveis na carraspana e no berro. É a voz do lança perfume. Os confetes que fizeram sua entrada nos dois últimos annos do século XIX, levou-se o vento. Vem a serpentina já europeia, fingindo chiquismo delicado entre nós, saudosas do banho num figurão circumspecto. Ah! Tanta lata dagua que está pedindo costado gravebundamente conselheiral! O tempo passou. Só o Zé Pereira é que vive, rebentando tympanos e pelles de bombos, zabumbando doido. Zig-zig-zig-bum! Zig-bum-bum!

*A República*, 10 de fevereiro de 1929

## ANEXO II

### Confidências

#### Epaminondas

Este ano passei o carnaval em casa, gozando as delícias da minha velha rede de tapoarana, autêntica do Caicó, a me embalar ao sono mavioso dos meus canários e pintasilgos, orchestra barata e um pouco menos estridente do que o irreverente jazz-band, tão falado e tão apreciado nos tempos que correm instrumento diabólico, com pressão dupla nos três dias consagrados a Momo, cujas gaitas e chocalhos parecem ter sahído das caldeiras de Pedro Botelho.

Aproveitei os três dias de loucura para esse repouso de corpo e de espírito relendo pela décima vez “Os três mosqueteiros”, a “História do Imperador Carlos Magno” e a “Morgadinha de Val-Flor”, livros batutas que foram o encanto dos nossos avôs.

De uns anos para cá o carnaval me tem deixado um tanto indifferente, modorrento, e me leva a preferir prazeres e hábitos caseiros as alegrias das quais aqui chegam ruídos significativos de que o hospício de malucos, quando chega a vez, não fica circunscripto as paredes de Asylo do Alecrim, mas alarga-se por limites infinitos.

Fico até, como vêem, com estiradas acacias, com traços de homem sério.

Esse tédio pela nossa festa verdadeiramente popular não é, porém, innato. Elle surgiu não tanto quanto comecei a sentir a irreparável injuria dos annos, mas sim com as mudanças mesmas do carnaval, na sua forma, essência e fundo...

Ora, vejam lá, o que é o carnaval de hoje: uma bisnaga mal cheirosa custa os olhos da cara e uma hora de automóvel está na tabela por 50\$000!

E se não quizer não pague.

Sinto que as pernas estão um tanto bambas e que o meu fôlego está curto, mas, tenho quase a certeza de que as gambias readquiririam a rijêsa d’antanho e o fôlego ficaria novamente largo se por um milagre eu ainda pudesse assistir a um carnaval do meu tempo, a um carnaval de 1888.

Vejo, porém, que esse milagre não se poderia realizar, pois seria mister restituir a cidade a sua physionomia passada, vestida com outra indumentária, mais feia e mais escura, menos povoada e cheia de buracos, e por isso mesmo mais familiar e mais íntima, na sua moldura primitiva do castanheiro rústico, com lagoas cheias de sapos sizudos e mal encarados na sua eterna teimosia do *foi, não foi ...*

Fora desse ambiente os papangus ficariam deslocados debaixo de suas máscaras grosseiras e um tanto ou quanto desrespeitosas de tudo e de todos.

É verdade que em eras mais remotas, e vez por outra, o abuso custava caro aos foliões carnavalescos. Contudo me o saudoso coronel Genésio Britto o que coube a certos mascarados, aliás pessoas gradas da antiga cidade, pelo modo por que se vingaram do governador Mello Povoas, no carnaval por este promovido e no qual as phantasias premiadas seriam as que mais pudessem transformar os homens em macacos, para regalo dos quais mandara improvisar na Rua Grande um bosque de bananeiras, fazendo construir por traz deste um palanque, para assistir à vontade as proezas dos simios.

Ao engraçado governador que assim feriu o sentimento nativista da população, sucedeu a inesperada desaffronta de gestos simiescos, que consistiram na substituição de sucessivas ofertas irreverentes, os fructos de que estavam despidas as murchas bananeiras transplantadas para o adusto areial daquela rua.

A oferta simbólica irritou o governador, que sem dizer água vai, poz em função os alfurges de sua tropa, não sem a reação necessária da parte dos macacos, que o deixaram malquisto e mais saudoso de Portugal, para onde poucas semanas depois abriu o compasso.

Em carnavais subseqüentes outras críticas determinaram represálias mais ou menos contundentes, de autoridades menos graduadas. O natalense de então era, porém, mais propenso a maledicência ostentosa do que hoje, e na falta de imprensa, recorria aos pasquins indifrarçados contra os atos dos poderosos e aproveitava-se principalmente da licença carnavalesca para dizer por baixo da máscara as verdades ou injurias que de outra forma teria apenas permissão para sussurrar nos famosos cantões, felizmente desde há muito renegados.

A parte esta face, que a necessidade dessas épocas afastadas justificava, eram os natalenses homens de bom appetite, gozadores, sono solto, chalaça incontida, alegres, risada estridente e tão perdidos pelas saias como pelas peixadas de cangulo e pirá, amigos do luar e das serenatas, em que os violões e as gargantas tinham a magia de abrandar corações de pedra.

É verdade que quando me encontrei homem, o carnaval dos nossos avós poucos anos teve de vida, podia se dizer que agonizava.

Entretanto, ainda participei das suas delicias. Não tinha o nome de carnaval. Chamava-se de entrudo, a época do entrudo.

Primeiro a laranjinha de cêra, depois a laranjinha de borracha, de côres varias e bem cheirosas, feitas em seringas de flandre, a clássica cuia d'água, o pó, a maisena, a imersão em tinas ... e até o pó preto.

Isto poderia ser um tanto extravagante, bárbaro, dirão. Mas, era gostoso.

Quem é que não queria ser imerso e enalçado em uma tina d'água cheirosa por mãos femininas? Eu passaria alli um anno, apenas com o nariz de fora, para garantir o fôlego.

Hoje, tudo está mudado. Eu direi que o carnaval dos millionários. Faz-se hoje carnaval de smoking e cartola, com pijamas de sêda, dentro de um Packar, cheio de bisnagas, serpentinas e serpentes ...

Todavia, os nossos avós foram mais velhacos, mais sabidos.

*A República*, 09 de março de 1930, p. 01

**Artigo submetido para avaliação em 11/10/2016; publicado em 05/11/2016.**